

# A SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTs) ENTRE IDOSOS

BUSNELLO, Aline Cristine<sup>1</sup>  
MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata<sup>2</sup>

## RESUMO

O envelhecimento populacional é um processo natural, e tem-se observado um aumento expressivo na expectativa de vida da população mundial, impulsionado por avanços nas áreas da medicina, melhorias nas condições de saneamento e higiene, além do progresso na educação e no acesso à informação. No contexto brasileiro, constata-se uma modificação significativa na pirâmide etária. Dados do Censo Demográfico de 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que o número de pessoas com 65 anos ou mais cresceu 57,4% em 12 anos, passando de 14,1 milhões em 2010 (7,4% da população) para 22,2 milhões em 2022 (10,9% da população). Esse novo perfil etário traz à tona discussões relevantes sobre a qualidade de vida e o bem-estar na terceira idade, incluindo temas ainda considerados tabus, como a sexualidade. Com os diversos avanços, os idosos têm desfrutado de maior autonomia, mobilidade e capacidade funcional. Isso inclui, também, a manutenção de uma vida sexual ativa, aspecto fundamental do ser humano adulto. No entanto, a permanência da sexualidade após os 60 anos não foi acompanhada de políticas públicas ou campanhas de conscientização voltadas à saúde sexual da população idosa. Como consequência, observa-se um aumento no número de casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) entre idosos — enfermidades que, muitas vezes, são silenciosas e poderiam ser evitadas com ações educativas direcionadas a esse grupo populacional. Por isso, é fundamental que os profissionais de saúde busquem compreender as vivências, os desafios e o nível de conhecimento dos idosos sobre a prevenção das ISTs, a fim de que estratégias educativas eficazes sejam implementadas, respeitando as particularidades dessa faixa etária e promovendo o autocuidado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idosos. Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Sexualidade.

## 1. INTRODUÇÃO

A população mundial está envelhecendo rapidamente. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a maioria das pessoas hoje esperar viver até os 60 anos ou mais, e essa tendência é observada em todos os países. Embora o envelhecimento populacional tenha se iniciado em nações de alta renda, como o Japão, a mudança mais expressiva atualmente ocorre nos países de baixa e média renda, como o Brasil. Até 2050, estima-se que dois terços da população mundial com mais de 60 anos estarão concentrados nessas regiões. Diante dessa transição demográfica, a OMS destaca, no Relatório Mundial sobre Envelhecimento e Saúde, que muitas das percepções comuns sobre o envelhecimento ainda se baseiam em estereótipos ultrapassados, desconsiderando as evidências recentes sobre as reais condições e capacidades da população idosa.<sup>1</sup>

Com o aumento da expectativa de vida e melhores condições de saúde, a população idosa tem modificado seu comportamento sexual. Nesse contexto, há evidências indicando proporções consideráveis de idosos que continuam sendo sexualmente ativos, inclusive após os 80 anos de

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Medicina do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG). E-mail: [busnelloaline@gmail.com](mailto:busnelloaline@gmail.com)

<sup>2</sup> Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio. Professor do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG). E-mail: [eduardo@fag.edu.br](mailto:eduardo@fag.edu.br)

idade.<sup>2</sup> Essa mudança no comportamento dos idosos, resultou na maior incidência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) nessa população,<sup>3</sup> que ocorre principalmente por desinformação e falta de estratégias educativas em saúde. Além disso, percepções equivocadas sobre prevenção, contágio e transmissão de ISTs são frequentes nesse grupo populacional, o que implica no aumento de casos.<sup>4</sup>

Além disso, ainda persistem barreiras socioculturais e tabus relacionados à sexualidade, tanto por parte dos idosos quanto dos profissionais de saúde. Muitos desses profissionais têm conhecimento limitado sobre sexualidade na velhice e, por isso, tendem a evitar o tema em suas práticas. Por outro lado, os próprios idosos frequentemente se sentem constrangidos, envergonhados ou desmotivados a abordar questões de natureza sexual.<sup>5</sup> Diante desse contexto, é fundamental que os profissionais de saúde sejam capacitados e instruídos dentro do ambiente de trabalho a conversarem sobre práticas sexuais com os idosos.

Os cuidados dos profissionais de saúde são fundamentais no atendimento primário e a prevenção inicia-se nesse momento, com ações voltadas para a educação em saúde a fim de reverter o aumento de ISTs na velhice.<sup>6</sup> Por isso, é essencial promover espaços de formação e sensibilização aos profissionais de saúde para que abordem a sexualidade na terceira idade de forma ética, acolhedora e livre de preconceitos, garantindo uma abordagem integral à saúde do idoso e contribuindo para a redução dos índices de infecções sexualmente transmissíveis nessa população.

Sendo assim, considerou-se como problema central dessa pesquisa a seguinte questão: como os profissionais de saúde percebem a sexualidade dos idosos e quais ações são desenvolvidas por eles para a prevenção de ISTs na terceira idade? Visando responder ao problema proposto, foi objetivo dessa pesquisa: analisar as percepções e práticas dos profissionais de saúde em relação à sexualidade de pessoas idosas, com foco nas ações desenvolvidas para a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) na terceira idade. De modo específico, este estudo buscou: investigar como os profissionais de saúde percebem e compreendem a sexualidade na terceira idade; identificar quais estratégias e intervenções são adotadas pelos profissionais para a prevenção de ISTs entre idosos; analisar os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na abordagem da sexualidade e na promoção de saúde sexual de pessoas idosas.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa que utilizou o método descritivo. Quanto aos procedimentos esta pesquisa enquadra-se em quantitativa e em relação a natureza, trata-se de uma pesquisa exploratória. Considerando-se a orientação, este estudo é de campo e também de levantamento

Survey, por utilizar questionário estruturado como instrumento de coleta de dados, sendo que a abordagem se caracteriza como dedutiva. A coleta de dados foi realizada nas Unidades de Saúde, por meio da aplicação de questionários estruturados aos profissionais de saúde. A aplicação ocorreu de forma presencial, em local reservado, com garantia de privacidade e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A população da pesquisa foi composta por profissionais da área da saúde, incluindo técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos, atuantes nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e nas Unidades de Saúde da Família (USF) do município de Cascavel/PR. O recrutamento foi realizado ao longo de cerca de um mês, respeitando a rotina de trabalho dos profissionais e mediante autorização das respectivas instituições. Os participantes eram de ambos os sexos e possuíam idade igual ou superior a 18 anos. A seleção ocorreu de forma intencional e não probabilística, considerando a disponibilidade e o consentimento dos profissionais em participar do estudo. A participação foi voluntária e condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

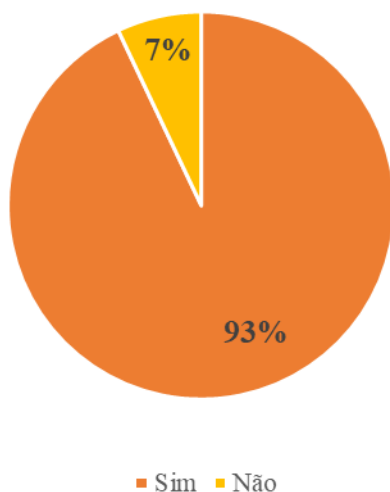
Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG) e foi aprovado pelo CAAE nº 91631825.2.0000.5219. Os dados coletados foram tabulados em Planilha do Microsoft Excel onde foram analisados estatisticamente.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A pesquisa foi desenvolvida em 15 unidades de saúde do município de Cascavel/PR, sendo 6 Unidades Básicas de Saúde (UBS) e 9 Unidades de Saúde da Família (USF). A coleta dos dados ocorreu entre os dias 2 e 28 de outubro de 2025, totalizando 85 questionários válidos. Entre os participantes, 34 (40%) eram médicos e 51 (60%) eram profissionais de enfermagem (enfermeiros e técnicos de enfermagem), refletindo a composição multiprofissional das equipes que atuam na atenção primária à saúde do município. Os questionários com 10 perguntas foram aplicados, presencialmente, para os profissionais da saúde, em ambiente reservado assegurando o anonimato e confidencialidade das respostas.

A Pergunta 1 buscou identificar, a partir da experiência clínica dos participantes, se eles consideravam que os idosos permanecem sexualmente ativos. Os resultados podem ser vistos no Gráfico 1.

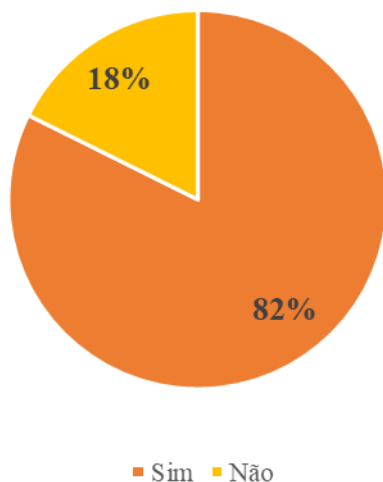
Gráfico 1 – Com sua experiência, você considera que os idosos mantêm uma vida sexual ativa?



Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

Em complementação, a Pergunta 2 (Gráfico 2) teve como objetivo verificar se esses profissionais já haviam atendido algum idoso com infecção sexualmente transmissível (IST), permitindo relacionar percepção e prática assistencial.

Gráfico 2 – Você já atendeu algum paciente idoso com infecção sexualmente transmissível?



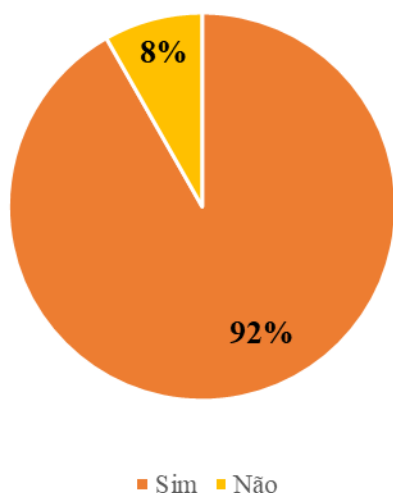
Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

Os resultados evidenciaram uma forte coerência entre esses dois aspectos, uma vez que 93% dos profissionais reconhecem a atividade sexual na velhice e 82% relatam ter atendido pacientes idosos com IST, confirmando que a percepção está alinhada à realidade observada no cotidiano dos serviços. Os achados do estudo (Gráfico 1 e Gráfico 2) evidenciam que a sexualidade continua presente na velhice e se manifesta no cotidiano dos serviços de saúde. Esses dados dialogam diretamente com a literatura, que descreve um aumento expressivo de infecções sexualmente transmissíveis na população idosa nos últimos anos.<sup>4</sup> Além disso, o aumento observado nas ISTs

entre idosos deve ser analisado à luz do contexto demográfico e tecnológico atual. O prolongamento da expectativa de vida, associado às melhorias nos recursos de saúde, tem contribuído para que a vida sexual permaneça ativa mesmo em faixas etárias avançadas. Tratamentos hormonais, reposição medicamentosa e o uso de estimulantes sexuais têm se mostrado eficazes em manter a atividade sexual, inclusive entre pessoas acima de 80 anos, o que reforça a ideia de que a sexualidade constitui parte significativa do envelhecimento contemporâneo.<sup>6</sup>

A Pergunta 3, ilustrada pelo Gráfico 3, investigou a percepção dos profissionais sobre o risco de idosos contraírem ISTs. Nesse contexto, 92% reconheceram que essa população está significativamente exposta. Essa avaliação não é apenas teórica, mas está diretamente relacionada à prática cotidiana desses profissionais.

Gráfico 3 – Na sua opinião, os idosos correm risco significativo de contrair ISTs?



Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

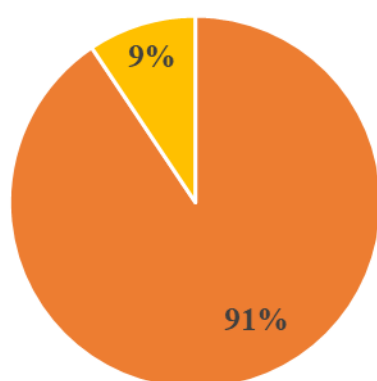
Tal relação torna-se evidente quando se observam os achados da Pergunta 2 (Gráfico 2), na qual 82% relataram já ter atendido idosos com ISTs. Dessa forma, a percepção de risco expressa pelos participantes se apoia em experiências clínicas concretas, refletindo uma realidade observada no cotidiano dos serviços de saúde. A percepção de risco identificada neste estudo (Gráfico 03), evidencia uma vulnerabilidade que vai além do simples prolongamento da atividade sexual na velhice. Embora os avanços em saúde e qualidade de vida permitam que a vida sexual permaneça ativa em idades avançadas, esse processo não tem sido acompanhado por práticas preventivas adequadas. A literatura aponta que persiste, na sociedade, uma visão restrita de que a sexualidade é um atributo exclusivo da juventude, o que contribui para estigma, preconceito e invisibilidade da vida sexual do idoso. Essa percepção equivocada limita o acesso dos longevos à assistência

preventiva, reduz a oferta de campanhas voltadas a esse público e favorece a manutenção de comportamentos de risco.<sup>7</sup>

Além disso, a literatura também evidencia que a utilização de preservativos entre idosos é pouco frequente, resultado de um conjunto de fatores que dificultam sua adoção. Entre eles, destacam-se queixas de incômodo por parte de homens, a menor preocupação de mulheres em relação à prevenção da gestação e limitações no conhecimento sobre a maneira correta de utilizar o método. Soma-se a isso o fato de que muitos idosos não se reconhecem como expostos ao risco de infecções sexualmente transmissíveis, o que diminui a percepção de vulnerabilidade e, consequentemente, a adoção de medidas de proteção durante a prática sexual.<sup>6</sup>

A Pergunta 4 (Gráfico 4) investigou se os profissionais de saúde se sentiam confortáveis para abordar temas relacionados à sexualidade com pacientes idosos, enquanto a Pergunta 5 (Gráfico 5) buscou compreender, na prática clínica, se os idosos costumam relatar espontaneamente dúvidas ou problemas sobre sexualidade.

Gráfico 4 – Você se sente confortável em abordar temas relacionados a sexualidade com pacientes idosos?

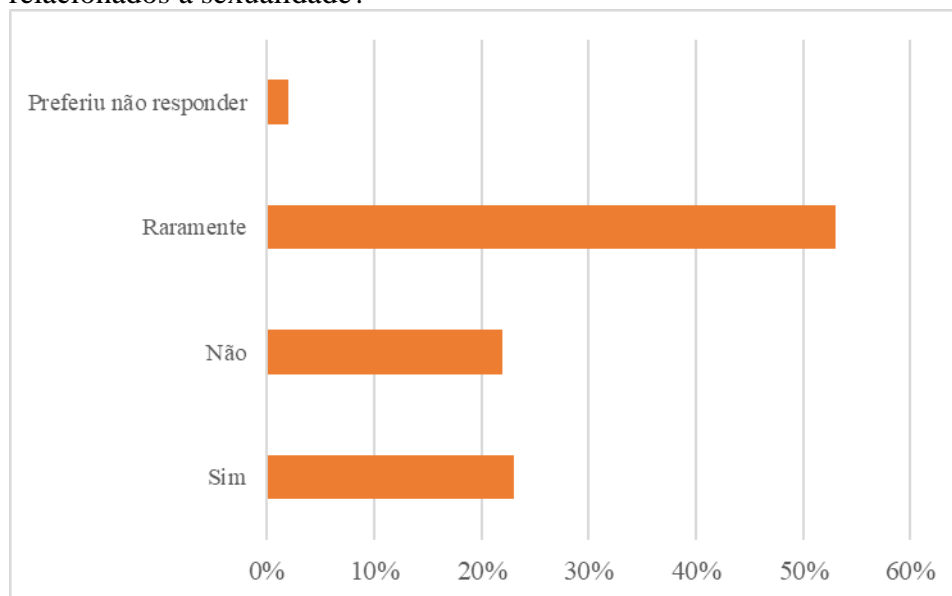


■ Sim ■ Não

Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

A análise conjunta dessas duas questões evidencia uma relação direta entre a postura do profissional e o grau de abertura dos idosos durante as consultas.

Gráfico 5 – Na sua prática, os idosos costumam relatar espontaneamente dúvidas ou problemas relacionados a sexualidade?



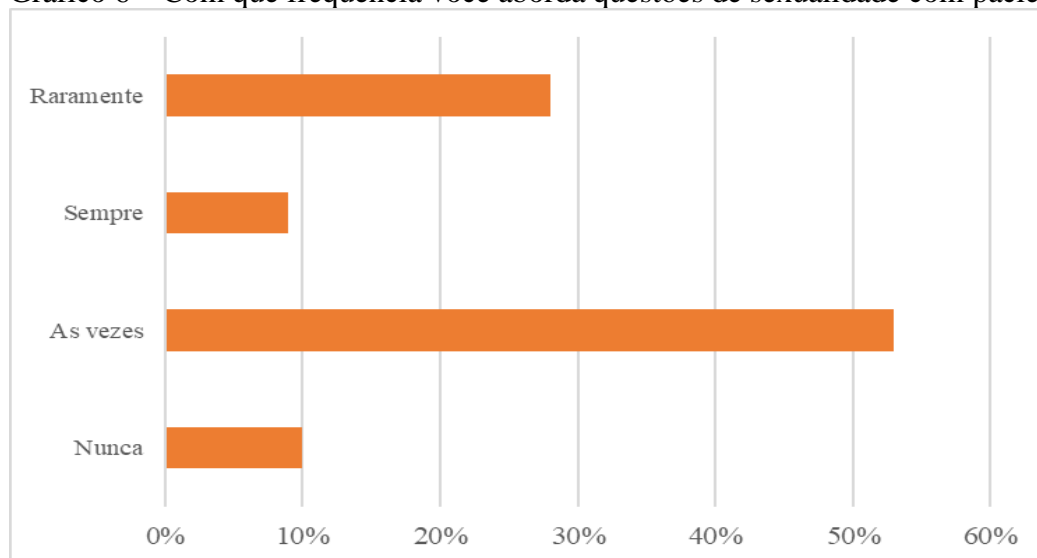
Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

Embora 91% dos participantes tenha afirmado sentirem-se confortáveis para tratar do tema, conforme demonstrado na Pergunta 4 (Gráfico 4), os achados da Pergunta 5 (Gráfico 5) indicam que essa disponibilidade não se traduz, de forma proporcional, em diálogo efetivo. De acordo com os dados, 52% dos profissionais relataram que os idosos raramente manifestam espontaneamente dúvidas ou preocupações relacionadas à sexualidade, sugerindo que, apesar do conforto declarado pelos profissionais, a iniciativa de discutir o assunto permanece limitada, e o tema frequentemente não é incorporado de maneira natural no contexto assistencial.

As respostas das Perguntas 4 e 5 (Gráficos 4 e 5) demonstram uma correlação direta entre o comportamento dos profissionais de saúde e o nível de abertura dos idosos para tratar da sexualidade durante as consultas, uma vez que, na Pergunta 4 observou-se que a maioria dos profissionais (91%) afirmou sentir-se confortável em abordar temas relacionados à sexualidade com pacientes idosos. Esse resultado sugere uma percepção positiva quanto à própria disposição para tratar do assunto. Contudo, os dados das respostas da Pergunta 5, revelam que essa abertura nem sempre se converte em uma conversa efetiva, uma vez que 53% relataram que os idosos raramente manifestam espontaneamente dúvidas ou problemas sobre sexualidade, sendo que 22% disseram que nunca ocorre, e apenas 23% informaram que os idosos frequentemente trazem essas questões. Essa discrepância evidencia que, embora os profissionais se considerem abertos ao diálogo, os idosos ainda demonstram resistência em abordar a sexualidade durante as consultas, possivelmente em função de tabus culturais, vergonha, medo de julgamento ou ausência de espaço acolhedor durante a consulta.<sup>8</sup>

A Pergunta 6 (Gráfico 6) investigou com que frequência os profissionais abordam questões de sexualidade com pacientes idosos, e a maior parte respondeu que o faz apenas “às vezes”, evidenciando que esse tema não é tratado de maneira sistemática durante as consultas.

Gráfico 6 – Com que frequência você aborda questões de sexualidade com pacientes idosos?



Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

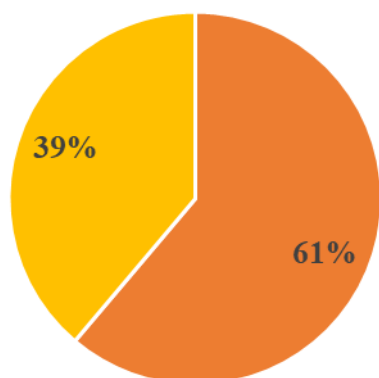
Quando analisadas em conjunto, as Perguntas 4, 5 e 6 revelam um padrão consistente: embora a maioria dos profissionais declare sentir-se confortável para discutir sexualidade com idosos (Gráfico 4), esse conforto não se traduz em prática clínica regular, uma vez que os próprios profissionais raramente introduzem o tema (Gráfico 6) e os idosos, por sua vez, dificilmente o trazem espontaneamente esse assunto (Gráfico 5), configurando um cenário de comunicação limitada.

Além disso, os resultados da Pergunta 6 (Gráfico 6) demonstram que a abordagem da sexualidade com idosos não ocorre de maneira estruturada na prática clínica. Embora muitos profissionais afirmem sentir-se à vontade para tratar do tema, a maioria o faz apenas esporadicamente: 53% abordam a sexualidade apenas algumas vezes, 28% raramente e 10% nunca discutem o assunto; apenas 9% abordam questões de sexualidade com pacientes idosos. Esse padrão indica que o conforto declarado não se converte em uma prática efetiva durante a consulta. Assim, estabelece-se um cenário de silêncio mútuo, no qual o idoso não inicia a conversa por vergonha, receio de julgamento ou desconhecimento, e o profissional também não o introduz de modo proativo, sugerindo lacunas de sensibilidade, preparo técnico ou segurança para tratar da temática.<sup>7</sup>



A análise da Pergunta 7 (Gráfico 7), na qual 61% dos profissionais reconhecem que a sexualidade na terceira idade ainda é um tabu entre as equipes de saúde, mostra que a temática é permeada por barreiras culturais e morais, que dificultam sua abordagem no cotidiano da atenção primária.

Gráfico 7 – Você acredita que o tema “sexualidade na terceira idade” ainda é um tabu entre os profissionais de saúde?



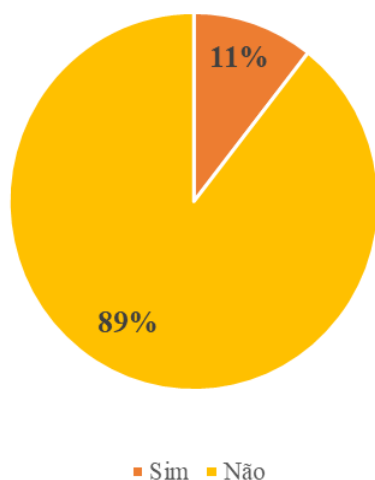
■ Sim ■ Não

Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

Essa percepção se relaciona diretamente com os achados da Pergunta 6, em que para a maioria dos profissionais que abordam o tema, apenas às vezes (53%) ou raramente (28%), indicando que, mesmo quando há disposição declarada para conversar sobre sexualidade, a abordagem não se efetiva de forma sistemática durante a consulta. A análise dessa pergunta aprofunda essa interpretação: 61% dos profissionais reconhecem que a sexualidade na terceira idade ainda é um tabu entre as equipes de saúde, revelando que a temática é permeada por barreiras culturais e morais, que dificultam sua abordagem no cotidiano da atenção primária.<sup>8</sup> Essa relação direta entre a existência do tabu e a falta de abordagem sistemática, evidenciada pelas Perguntas 6 e 7, resulta em consequências significativas, como subnotificação, diagnóstico tardio de ISTs e manutenção de práticas sexuais desprotegidas — reflexo de um cuidado ainda fragmentado e pouco alinhado às necessidades reais da população idosa.<sup>9</sup>

Ao observar os dados da Pergunta 8 (Gráfico 8), é revelado que 89% dos profissionais não receberam capacitação específica para tratar da sexualidade na terceira idade.

Gráfico 8 – Você já recebeu capacitação específica sobre sexualidade na terceira idade?

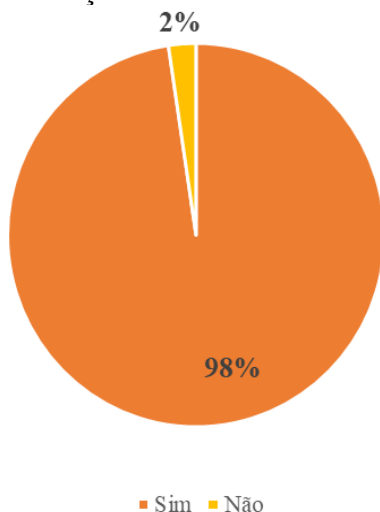


Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

Essa realidade, demonstra que a ausência de formação estruturada contribui para a insegurança comunicacional. Além disso, é perceptível que o silêncio sobre a sexualidade do idoso não surge apenas do desconforto individual, mas de uma lacuna institucional de preparo profissional. Esses dados revelam que 89% dos profissionais não receberam capacitação específica para tratar da sexualidade na terceira idade. A ausência de formação estruturada contribui para a insegurança comunicacional, reforça preconceitos internalizados e perpetua o tabu dentro das equipes de saúde. Portanto, o silêncio sobre a sexualidade do idoso não surge apenas do desconforto individual, mas de uma lacuna institucional de preparo profissional. Desse modo, é fundamental que o profissional de saúde esteja devidamente capacitado para abordar questões relacionadas à sexualidade na velhice. Independentemente de o idoso viver sozinho ou manter um relacionamento, ele preserva desejos, afetos e necessidades sexuais que merecem ser acolhidos. Cabe ao profissional criar um ambiente seguro e receptivo, no qual o paciente se sinta à vontade para compartilhar suas dúvidas e experiências, garantindo um cuidado integral e livre de julgamentos.<sup>10</sup>

Ao relacionar esses achados com a Pergunta 9 (Gráfico 9), observa-se que 98% dos profissionais defendem a inclusão de conteúdos sobre saúde sexual de idosos nas formações e treinamentos das equipes.

Gráfico 9 – Você considera importante a inclusão de mais conteúdos sobre saúde sexual de idosos nas formações e treinamentos da equipe de saúde?



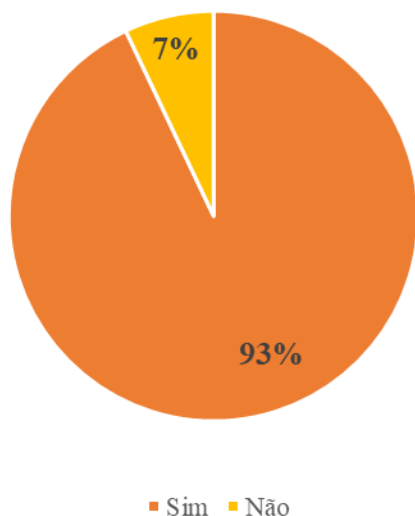
Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

Esse resultado demonstra que os próprios profissionais reconhecem a necessidade de superar o tabu e romper com práticas de silêncio, avançando para uma abordagem ativa, acolhedora e isenta de julgamentos durante a consulta. A ampliação da capacitação torna-se ainda mais relevante diante do aumento dos casos de ISTs entre idosos, reforçando a urgência de incorporar a temática como parte essencial da atenção integral à saúde dessa população.

Diante do exposto e considerando esses achados, os profissionais reconhecem a necessidade de ampliar conteúdos sobre saúde sexual da pessoa idosa na formação e nos treinamentos da equipe, torna-se evidente que os profissionais de saúde desenvolvam competências específicas para dialogar sobre sexualidade com pacientes idosos, favorecendo um espaço de acolhimento onde possam confiar, receber orientações adequadas e esclarecer dúvidas. Essa preparação contribui para que o idoso vivencie essa fase da vida com maior qualidade e bem-estar no âmbito da saúde sexual. Nesse contexto, a educação em saúde torna-se uma ferramenta fundamental para promover uma visão do idoso como sujeito pleno, capaz de exercer sua sexualidade de forma livre e sem os estigmas historicamente construídos. Para que esse processo seja efetivo, é imprescindível que as ações educativas abranjam tanto idosos quanto a população mais jovem, uma vez que o envelhecimento é um processo natural e contínuo, e as discussões sobre sexualidade devem estar presentes em todas as fases da vida.<sup>10</sup>

Os dados referentes à Pergunta 10 (Gráfico 10) revelam que 93% responderam “sim”, enquanto 7% consideraram que “não” sobre o quanto a falta de informação do idoso sobre IST contribui para o aumento do número de casos.

Gráfico 10 – Você acredita que a falta de conhecimento dos idosos sobre ISTs contribui para o aumento dos casos nessa faixa etária?



Fonte: Dados da pesquisa, organizado pelos autores.

Esse resultado indica que os profissionais reconhecem que muitos idosos não possuem informações adequadas sobre o que são as ISTs, seus modos de transmissão e formas de prevenção. Além disso, esse resultado se correlaciona diretamente com os achados das Perguntas 2 (Gráfico 2) e 3 (Gráfico 3), pois a falta de conhecimento apontada pelos profissionais configura-se como um fator determinante para o aumento da vulnerabilidade dessa população, contribuindo para a maior incidência de ISTs na terceira idade.

Portanto, os resultados da Pergunta 10 (Gráfico 10) reforçam que a educação em saúde é um ponto-chave para a prevenção das ISTs na terceira idade, e que os profissionais de saúde desempenham papel central nesse processo, especialmente dentro da atenção primária.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam que a sexualidade permanece como um aspecto significativo da vida dos idosos e deve ser reconhecida como parte integrante do cuidado em saúde na atenção primária. A persistência de tabus, barreiras culturais e lacunas formativas compromete a abordagem sistemática da sexualidade e contribui para subnotificação, diagnóstico tardio e vulnerabilidade ampliada entre idosos. Diante desse cenário, torna-se indispensável a implementação de ações educativas contínuas no âmbito da atenção primária, responsável por desempenhar papel central na prevenção de ISTs e na promoção de saúde sexual.

## REFERÊNCIAS

---

- <sup>1</sup> Organização Mundial da Saúde. *Resumo: relatório mundial de envelhecimento e saúde*. Genebra: OMS; 2015.
- <sup>2</sup> Schick V, Herbenick D, Reece M, Sanders SA, Dodge B, Middlestadt SE, Fortenberry JD. Sexual behaviors, condom use, and sexual health of Americans over 50: implications for sexual health promotion for older adults. *J Sex Med*. 2010 Oct;7 Suppl 5:315-29. doi: 10.1111/j.1743-6109.2010.02013.x.
- <sup>3</sup> Lima ICC, Fernandes SLR, Miranda GRNM, Guerra HS, Loreto RGO. Sexualidade na terceira idade e educação em saúde: um relato de experiência. *Revista de Saúde Pública do Paraná*. 2020;3(1). Disponível em: <http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/340>
- <sup>4</sup> Albuquerque JS, Lima LR, Silva RTP, Beltrão LEBF, Sales JKD. Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em idosos do Brasil. *Research, Society and Development*. 2022;11(14):e360111436387. doi: 10.33448/rsd-v11i14.36387.
- <sup>5</sup> Soares KG, Meneghel SN. The silenced sexuality in dependent older adults. *Cien Saude Colet*. 2021;26(1):129-136. doi: 10.1590/1413-81232020261.30772020.
- <sup>6</sup> Silva EF de O, Santana A, Ribeiro AC, Doras IDC, Gontijo TG. Fatores associados ao aumento de infecções sexualmente transmissíveis no público idoso. *Rev Eletr Acervo Saúde*. 2023;23(3):e11813.
- <sup>7</sup> Monte CF, Nascimento LC, Brito KPSS, Batista ASL, Ferreira JS, Campos LS, Andrade TJFD, Ferreira AF. Idosos frente a infecções sexualmente transmissíveis: uma revisão integrativa. *Braz J Health Rev*. 2021;4(3):10804-10814. doi: 10.34119/bjhrv4n3-095. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/29883>.
- <sup>8</sup> Rodrigues CF do C, Duarte YA de O, Rezende FAC, Brito TRP de, Nunes DP. Atividade sexual, satisfação e qualidade de vida em pessoas idosas [Internet]. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 2019;21:57337 p. 1-9. doi:10.5216/ree.v21.57337. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/246664/38370>.
- <sup>9</sup> Santos FMG, et al. Idoso e HIV: um desafio para o enfermeiro nas estratégias de prevenção. *BIUS – Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia*. 2020. Disponível em: <https://revistaft.com.br/prevalencia-de-hiv-aids-no-idoso-desafio-para-o-enfermeiro-frente-a-prevencao-na-atencao-primaria-a-saude/>
- <sup>10</sup> Teixeira MM, Rosa RP, Silva SN, et al. O enfermeiro frente à sexualidade na terceira idade. *Rev Univ Ibirapuera*. 2012 Jan–Jul;3:50-33. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO\\_EV075\\_MD4\\_SA9\\_ID838\\_11092017184016.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2017/TRABALHO_EV075_MD4_SA9_ID838_11092017184016.pdf)